

34º Encontro Anual da Anpocs;

Número e Título do ST: 12 Forças Armadas, Estado e Sociedade

Título do trabalho: **A “ameaça comunista” vista pelos militares: entre a memória do regime militar de 1964 e a campanha presidencial de 2010**

Autor:

Eduardo Heleno de Jesus Santos

A “ameaça” comunista vista pelos militares: entre a memória do regime militar de 1964 e a campanha presidencial de 2010

Eduardo Heleno de Jesus Santos
Doutorando do Programa de Pós-Graduação
em Ciência Política da Universidade Federal Fluminense¹

Este trabalho, que faz parte de minha pesquisa no doutorado, analisa o discurso institucional das Forças Armadas, dos militares da ativa e de entidades de militares da reserva no que tange à versão histórica do regime militar e propõe verificar o componente político subjacente à batalha da memória, relacionando-o à eleição presidencial de 2010.

O discurso a ser pesquisado se faz presente através de ritos, mensagens oficiais como as “ordens do dia” e de textos elaborados por militares da reserva em grupos criados para a perpetuação de suas histórias.

Data praticamente esquecida pelos civis desde o processo de abertura gradual e lenta, o 31 de março, o principal rito pesquisado, ainda hoje inspira cerimônias em quartéis das forças armadas.² Seja através de missa, palestra, curso, os comandantes militares, em especial do Exército, mantêm a tradição de lembrar aos seus comandados a versão histórica institucional da data que marcou o início do regime militar.

Chamada pelos militares de “revolução”³ ou “contra-revolução democrática” de 31 de março e conhecida no meio civil como golpe militar de 1964, a lembrança desta data traz um dilema até hoje não resolvido e aponta um claro conflito de versões oficiais, tanto dentro do setor civil do governo como na caserna. Mostram, portanto, os embates

¹ Esta pesquisa conta com o apoio do programa Sisdebras.

² Vale recordar que as comemorações do 31 de março ficaram circunscritas aos quartéis desde 1983, por ordem do comando do I Exército. Naquela época, ainda sob governo militar, o Brasil seguia sua transição para a democracia, e a lembrança do episódio que acabou por dar início ao regime militar, já não tinha mais o apoio popular. Em uma pesquisa da *Folha de São Paulo* realizada em 1984, 36,8% dos entrevistados afirmaram que os últimos vinte anos foram ruins e 26,9% responderam que o regime foi bom no início, mas desvirtuou-se. Apenas 10,8% avaliaram como bom o ciclo militar. A pesquisa foi realizada em seis capitais: São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Salvador e Curitiba. A amostra obteve 2.999 entrevistados. Na mesma consulta, os entrevistados deveriam responder se o ciclo já terminou ou se permanece com a mesma força. 20 ANOS ruins que agora chegam ao fim. *Folha de São Paulo*, de 1º de abril de 1984, p.8.

³ No 21º aniversário do movimento de 31 de março, o ministro da Aeronáutica propôs, através da ordem do dia, que fosse utilizado o termo “evolução” para qualificar aquele movimento. *O Globo*, 31 de março de 1985, p.2.

na formação de uma memória nacional não somente sobre o 31 de março, mas principalmente acerca do que ocorreu nas décadas de 1960, 1970 e 1980.

Especificamente na caserna, a versão oficial sobre a instauração e a manutenção do regime militar é que a ação das Forças Armadas seria uma resposta, apoiada pela sociedade, ante a ameaça comunista existente. Dentro desta concepção, os militares, mais uma vez na vida republicana, teriam respondido aos anseios da nação. Diante do agravamento do quadro institucional, a continuidade do regime teria sido necessária para garantir a lei e a ordem. Esta versão está enraizada, até hoje, no discurso existente nas “ordens do dia”, documento redigido pelo ministro ou comandante da Força para seus comandados.

Na leitura das várias ordens do dia emitidas pelo comandante do Exército, de 1965 até 2007, notamos algumas diferenças devidas ao contexto político em que se inserem. As mais antigas, tentam reforçar a legitimidade da quebra institucional. As mais recentes, de uma maneira geral, tentam evitar os ressentimentos e colocam como mais importante a visão de futuro para as Forças Armadas.

Em 2004, no aniversário de 40 anos do golpe, a nota escrita pelo então comandante do Exército, general Francisco Albuquerque, ressaltava o legado do movimento militar pela “importância de viver em uma sociedade cujos filhos não estão divididos pelas paixões ideológicas e não estão expostos às inquietações do passado”. Mostrava claramente a intenção de se olvidar das diferenças ideológicas para construir o futuro do Brasil. Apesar de alguns esforços para a conciliação, presente no discurso, em outros anos, o próprio fato de ser publicada uma nota sobre o tema resultou em polêmica, como ocorreu em 2006, na ordem escrita pelo general Francisco de Albuquerque:

(...) Esse Exército – o seu Exército – considera que esse passado pertence à História, e volta-se para o futuro, trabalhando pelo desenvolvimento nacional e empregando a mão amiga de sua gente toda vez que necessidades, urgências e emergências clamam por sua presença.

Esse Exército – o seu Exército – é conciliador sem perder a altivez, generoso com os vencidos, nobre nas atitudes, respeitador da lei, avesso aos ressentimentos – herdeiro legítimo que é do Duque de Caxias, nosso Patrono maior, o Pacificador.

Nesse contexto, o 31 de Março insere-se, pois, na História pátria e é sob o prisma dos valores imutáveis de nossa Força e da dinâmica conjuntural que o entendemos. É memória, dignificada à época pelo incontestável apoio popular, e junta-se, intensamente, aos demais

acontecimentos vividos, para alicerçar, em cada brasileiro, a convicção perene de que preservar a democracia é dever nacional.⁴

A nota, segundo a *Folha de São Paulo*, causou mal-estar em Brasília porque fora divulgada dias depois da assunção do Waldir Pires, que havia sido exilado no regime militar, como ministro da Defesa.⁵ Na ocasião, Albuquerque alegou que a interpretação do texto havia sido deturpada e que o objetivo original era, entre outros, enaltecer a conciliação.⁶

Cabe lembrar que houve momentos, inclusive, em que ela não foi escrita, como em 2003, no primeiro ano do governo Lula, e em 2007. A intenção do silêncio institucional foi evitar constrangimentos dentro do governo.⁷

Além desta mensagem oficial, que tem o mais caráter mais ostensivo, existem os pronunciamentos que cada comandante de quartel pode fazer, através também de uma ordem do dia. A diferença desta última, é que por ser destinada a um público mais específico, pode conter elementos de forte teor político ou opinativo, uma vez que não encontra de maneira mais evidente o “constrangimento institucional” do alto escalão.

Recentemente foi divulgado um pronunciamento, que seria supostamente de autoria do comandante interino da 3ª Brigada de Cavalaria Mecanizada, o coronel da ativa Mario Luiz de Oliveira. O oficial, que assumira o comando de uma brigada do qual estão subordinados onze quartéis, distribuídos nas cidades gaúchas de Bagé, Dom Pedrito, Santana do Livramento e São Gabriel, teria lido o discurso, no dia 31 de março 2010, em uma solenidade típica da caserna, a formatura militar.

Em sua fala, ele defendeu o papel das Forças Armadas na quebra institucional em 1964 e criticou de maneira aberta os comunistas. Ao iniciar o seu pronunciamento, que foi disponibilizado dias depois em vários blogs na internet ligados aos militares da reserva, o coronel ressaltou a importância daquela data que uns chamam “de golpe

⁴ Ordem do dia de 31 de março de 2006, disponível em http://www.dgp.eb.mil.br/almq1/valorizacao_merito/atual/10288.pdf

⁵ Idem.

⁶ Observatório Cone Sul de Defesa e Forças Armadas - Informe Brasil nº. 205. Disponível em <http://www.fcs.edu.uy/investigacion/observatorioFFAA/Informe%20Brasil/Informe%20Brasil205.doc>.

⁷ General do Exército decide se calar sobre aniversário do golpe. *Folha de São Paulo*, 29 de março de 2007, disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u90762.shtml>.

militar, outros, de tomada do poder”. No entender do coronel, o que passou naquele dia foi uma revolução:

“Para nós, brasileiros, ocorreu a Revolução Democrática de 1964, que afastou nosso querido país de uma ditadura comunista, cruel e sanguinária, que só os irresponsáveis, por opção ou por descuido, não querem enxergar”.⁸

A interpretação do texto atribuído ao coronel traz outra sutileza importante, útil para entender a construção de algumas memórias no meio militar, em especial, nos oficiais mais velhos que viveram em todo ou em parte o regime. É representada pela percepção de que uma história diferente da “real”, ou seja, daqueles militares, foi contada para a sociedade e com o tempo se tornou a versão dominante. Esta nova versão, que segundo eles seria revanchista, teria como característica desmerecer o papel dos militares que deram o golpe como defensores da democracia. Para se contrapor a este discurso dominante, os militares que designam a quebra institucional de 1964 como uma revolução democrática tem como apelo, o argumento de que não havia entre os comunistas o desejo de manter a democracia no país.

Em um trecho do discurso esta associação é evidente: o texto ressalta que os militares não se dobraram “à mesquinha ação da distorção de fatos que há mais de 40 anos os maus brasileiros vem impondo à sociedade”, no sentido de inculcar “a idéia de que os guerrilheiros de ontem (hoje corruptos e ladrões do dinheiro público) lutaram pela democracia”. Para ele, estes comunistas queriam implantar no país um regime totalitário, “uma ditadura mil vezes pior do que aquela que eles afirmam ter combatido”.⁹

⁸ Apesar de não constar em alguma página oficial do Exército, a mensagem foi disponibilizada no site do Militar.com pelo grupo Guararapes, coordenado pelo general de divisão da reserva Francisco Batista Torres de Mello. Além disso, no Usina de Letras, do capitão da reserva Felix Maier, há a informação de que o coronel Mario Luiz de Oliveira teria sido repreendido pelo general Antônio Hamilton Martins Mourão, comandante da 3ª Divisão de Exército, por seu discurso. No site A Verdade Sufocada, do qual participa o coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra. Referências no militar.com: <http://www.militar.com.br/modules.php?name=Artigo&file=display&jid=1669>; No site do Guararapes <http://www.fortalweb.com.br/grupoguararapes/msg.asp?msg=870> e no site A verdade Sufocada http://www.averdadesufocada.com/index.php?option=com_content&task=view&id=3129&Itemid=95 e no portal Usina de Letras <http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=27470&cat=Cartas&vinda=S>

⁹ Nota presente no site http://www.averdadesufocada.com/index.php?option=com_content&task=view&id=3129&Itemid=34, acessado às 12h, do dia 26 de abril de 2010.

Como a construção de uma memória está ligada ao tempo em que é feita, a maneira como tratam os adversários políticos de outrora faz com que criem uma imagem globalizante dos comunistas, que neste discurso, passam a ser todos os esquerdistas, tanto os moderados como os extremistas.

Além disso, o texto relaciona a militância política com atividades criminosas. Não à toa, o autor, ao citar o passado, se refere aos comunistas como “os terroristas introduziram no Brasil a maneira de roubar dinheiro com assaltos a bancos, a carros fortes e a estabelecimentos comerciais. Foram eles os mestres que ensinaram tais táticas aos bandidos de hoje”. Ele destacou ainda que o Exército, em sua história, derrotou “comunistas, nazi-fascistas, baderneiros, guerrilheiros, sabotadores, traidores da Pátria, conspiradores, predadores do patrimônio público, bandidos e terroristas”. E associa a idéia de que os “guerrilheiros de ontem são ladrões dos cofres públicos de hoje”.

Na visão do autor, o desconhecimento, principalmente os mais jovens, sobre o assunto, é devido ao fato de que eles teriam sido cansativamente expostos à idéia transmitida pela propaganda política. O artigo traz à baila o fantasma de uma ameaça vermelha e tenta alertar ao ouvinte – ou seja, a platéia de militares da ativa que estariam presentes à formatura, que a quebra institucional foi necessária para evitar uma ditadura.

E após citar que o povo estaria anestesiado, devido à mídia e às bolsas do governo, umas distribuídas com “indisfarçável cunho revanchista” e outras de caráter assistencialista, o autor conclamou aos soldados da 3ª Brigada, a não deixar que os inimigos da pátria manchem a honra ou deturpem os valores cristãos.

A batalha entre o passado e o presente

Esta ligação entre passado e presente na formulação de uma nova memória sobre o regime militar não é gratuita. Por mais que o discurso atribuído ao coronel apresente elementos semelhantes às ordens do dia oficiais, que por serem voltadas a um público mais abrangente, tem um discurso mais brando, quando não de reconciliação, é fato que o autor usou a versão da memória recôndita de alguns militares menos moderados, através de uma crítica mais ácida, para expor suas preocupações ideológicas não só com o que já passou, mas com o futuro político do país.

Não são poucos os casos em que alguns militares da ativa e da reserva usam os canais de comunicação institucionais para trazer à baila a “ameaça vermelha”, tendo como pano de fundo a defesa de suas versões sobre o 31 de março. Em 2008, o

Comando Militar do Leste (CML), então comandado pelo general Luiz Cesário da Silveira Filho, organizou um ciclo de palestras em sua sede, para tratar do tema. Um dos convidados a falar para os militares da ativa que lotaram os três auditórios do Palácio Duque de Caxias foi o psicanalista Heitor de Paola, ex-integrante da Ação Popular (AP) nos anos sessenta. Ele foi contatado para testemunhar sobre sua experiência em 1964, pois atualmente é um dos integrantes do Terrorismo Nunca Mais (Ternuma), um grupo criado por militares da reserva e civis, cujo objetivo é se contrapor a outras versões sobre o regime militar.¹⁰ Ademais do Ternuma, Paola escreve artigos para o grupo Inconfidência, também formado por civis e militares da reserva e que difundem mensagens anticomunistas. A presença de um ex-militante da esquerda, que comunga de alguns dos ideais conservadores destes grupos, serviu como argumento de autoridade para dar mais credibilidade ao evento.

Por sinal, o próprio comandante do CML tinha a sua história intrinsecamente relacionada ao 31 de março: quando era cadete da Academia Militar das Agulhas Negras, ele participou das manobras de apoio tático às tropas do coronel Olímpio Mourão, que haviam saído de Juiz de Fora em direção ao Rio de Janeiro.

Cabe destacar que além do evento na sede do CML, cerimônias e palestras semelhantes foram realizadas em outros quartéis do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Ceará, Rio Grande do Sul e no Distrito Federal. Em Brasília, o coronel da reserva Manuel Soriano Neto, historiador militar, que também colabora com o Ternuma, fez uma palestra para os militares do Batalhão de Guarda Presidencial, unidade militar responsável pela proteção do presidente, dos principais prédios do governo federal em Brasília e apta para operações de garantia da lei e da ordem.

Nessas palestras, grupos formados por civis e militares da reserva aproveitaram o encontro com os militares da ativa, em especial os mais novos, para divulgarem suas idéias e suas agendas. Nos encontros, são comuns a distribuição de panfletos, manifestos,

¹⁰ Oficializado em 1998, por civis e militares da reserva, o Ternuma surgiu em uma época no qual o governo tentou fazer a revisão dos crimes ocorridos no regime militar, e processar criminalmente os militares acusados de terem praticado tortura. O grupo possui uma sede no clube Militar no Rio de Janeiro e outra em Brasília. Participam do grupo por volta de 150 oficiais, entre eles, o coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, acusado de ter torturado a atriz Bete Mendes, nas instalações do DOPS, em São Paulo. Entre os civis, estão o vereador Wilson Leite Passos, o ex-deputado Emilio Nina Ribeiro e o jornalista Olavo de Carvalho.

livretos, jornais e o envio de mensagens eletrônicas cuja intenção é reforçar a posição na batalha pela memória e fazer proselitismo contra a esquerda.

Em um depoimento para a minha dissertação de mestrado, o presidente do Ternuma, o coronel da reserva da aeronáutica Juarez de Deus Gomes da Silva, afirmou que “o público-alvo do grupo é a juventude; não nos interessa dizer o que pensamos aos que pensam como nós... Já recebi e-mails de estudantes que diziam que não conheciam a história”. Ele ressalta que “o Ternuma surge como uma resistência, porque, infelizmente, não deram atenção à área estudantil e a da comunicação”¹¹.

Dos principais grupos de disseminação existentes atualmente¹², além dos já citados Ternuma, com sede no Rio e uma sucursal em Brasília, e do Inconfidência, com sede em Belo Horizonte, temos o Guararapes, sediado em Fortaleza.

O grupo Inconfidência, em especial, produz um jornal impresso, e mantém edições especiais dedicadas ao Duque de Caxias, à Intentona Comunista e ao 31 de Março. Parte da tiragem deste jornal, que pode chegar a até 20 mil exemplares, é enviada para os centros de formação de militares, como a AMAN, a Escola Preparatória de Cadetes do Ar (EPCAR), ou a Escola Naval, responsável pela formação dos oficiais da Marinha. A edição sobre 1964 foi distribuída para as seguintes escolas:

“Dedicamos a Edição Histórica do Inconfidência à juventude brasileira, distribuindo 15 mil exemplares para faculdades e para todos os alunos das escolas de formação do Exército, a saber - AMAN- Academia Militar das Agulhas Negras; EsSA - Escola de Sargentos das Armas; EsAO - Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais; ECEME - Escola de Comando e Estado-Maior do Exército; EsPCEX -Escola Preparatória de Cadetes do Exército, todos os CPOR e NPOR; Colégios Militares (somente para o último ano do ensino fundamental); EsAEx - Escola de Administração do Exército. E ainda para a EPCAr - Escola Preparatória de Cadetes do Ar, em Barbacena e para o CIAAr - Centro de Instrução e Adaptação de Aeronáutica, em Belo Horizonte. Foram apresentadas palestras

¹¹ Entrevista em 12 de junho de 2008.

¹² Em um estudo prévio, realizado em minha dissertação de mestrado, foram identificados mais de 20 grupos formados por civis e militares formados desde 1988. Estes grupos são diferentes das associações militares, e destinam-se a discussão dos rumos políticos do país. Em sua maioria, são anticomunistas. O principal alvo de seus ataques é o partido dos Trabalhadores, e, em especial, Luis Inácio Lula da Silva.

em todas as instituições de ensino subordinadas à DEPA -
Diretoria de Ensino Preparatório de Assistencial.”¹³

No site do grupo Inconfidência é possível até encomendar uma cópia da edição histórica da revista *O Cruzeiro*, publicada com loas à intervenção militar de março. Por sinal, este material também pode ser adquirido na livraria da biblioteca do Exército, no palácio Duque de Caxias, no Rio de Janeiro.

No discurso do Inconfidência, do Ternuma e do Guararapes, não há uma divisão clara entre as esquerdas. No entendimento dos integrantes destes grupos, todo político de esquerda é comunista, e todo o comunista deseja implantar uma ditadura no país. Através de um raciocínio silogístico, eles pregam que os políticos de esquerda são contrários à democracia. Esta associação é mais forte quando o político em questão tem seu história marcado pela participação na militância armada nos anos de repressão política.

Outra característica destes grupos é que embora exista no Brasil dois partidos essencialmente comunistas (PCB e o PC do B), esta visão entranhada por um silogismo alcança representantes dos partidos de esquerda moderada, como o PSDB. No entanto, observa-se que o principal alvo da campanha anticomunista destes grupos, não é o PCB ou o PC do B e sim o partido dos Trabalhadores, e o seu principal nome, Luis Inácio Lula da Silva¹⁴. Com a proximidade das eleições presidenciais, eles mudaram um pouco o foco de suas críticas e as tem orientado à candidata apoiada por Lula, Dilma Rousseff.

Um artigo publicado no jornal do grupo Inconfidência, de autoria do coronel da reserva Osmar José de Barros Ribeiro, mostra claramente esta percepção. No texto intitulado *O apagão biográfico de Dilma Rousseff*, ele relaciona o passado de militante de esquerda da candidata para inferir que ela não defende a democracia:

A candidata do PT à presidência da República possui um passado que em nada a identifica com a Democracia. Ao contrário, o currículo dela está infestado de ocorrências criminosas e posturas totalmente avessas à prática democrática, identificadas com o falido comunismo da extinta URSS e com a opressiva e atual "democracia" cubana. (...) Na verdade, ela possui um passado de luta. Luta por aquilo que os saudosistas do regime comunista que imperava na então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), na China de Mao Tse

¹³ GRUPO INCONFIDÊNCIA. *44º Aniversário do Movimento Cívico-Militar de 31 de março de 1964*. Disponível em <http://www.grupoinconfidencia.com.br/jornais/125/aniversario.php>, acesso em 28 de julho de 2008, às 16:15h.

¹⁴ Na pesquisa realizada em minha dissertação de mestrado, outros grupos criados desde 1988 e antecessores dos atuais, já faziam campanha contra o PT e Lula, em época de eleições.

Tung e ainda hoje existente em Cuba, na Coréia do Norte e em alguns inexpressivos países africanos, sonham em implantar nas Américas do Sul e Central, sob a orientação do Foro de São Paulo (FSP). Ressalte-se, por pertinente, que o FSP foi criado pelo atual presidente brasileiro e pelo seu ídolo político, Fidel Castro. Dilma Rousseff militou em algumas organizações "pacifistas", entre as quais, o Comando de Libertação Nacional (COLINA) e a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), lideradas por exemplos de intimoratos "democratas" como Carlos Lamarca e Marighella. O primeiro, desertor, assaltante e assassino e, o segundo, entre outras "qualidades", autor do Manual do Guerrilheiro Urbano, opúsculo que inspirou grupos terroristas ao redor do mundo. Contudo, a ação mais conhecida da candidata do PT à Presidência da República, diz respeito ao roubo do "Cofre do Adhemar". Convém salientar que permanece em mistério o destino de boa parte dos milhões de dólares guardados no cofre em questão. Quem sabe, quando dos debates entre os presidenciáveis, ela terá oportunidade de esclarecer a questão.¹⁵

Outro texto, de autoria desconhecida e disponível no site do grupo Inconfidência questiona o leitor quem, em caso de eleição de Dilma Rousseff, representaria o país nas viagens internacionais e mostra uma das formas de se usar o passado de um adversário político para fins de contrapropaganda no presente:

A PERGUNTA É A SEGUINTE:

No caso da sr^a Dilmente (sic) ser eleita Presidente do Brasil, quem será a pessoa que irá aos Estados Unidos para a fala habitual na Assembléia Geral da ONU, ou para discutir com o presidente americano sobre questões de comércio, por exemplo? A Presidente não irá, com 100% de certeza. Então, repito a pergunta: Quem irá aos Estados Unidos no lugar dela? Bem, você deve estar intrigado com esta pergunta meio sem sentido, não é? Aqui vai a explicação: Dilma Rousseff foi condenada nos Estados Unidos pelo seqüestro do embaixador norte-americano, na década de 60 (Charles Elbrick) remember? Juntamente com outras pessoas (por exemplo: Fernando Gabeira). A pena é bem grande e não há como pensar em liberdade condicional. Lá o crime não prescreve! (...)¹⁶

Entre os demais arquivos que aparecem com destaque no site do grupo Inconfidência sobre a ex-ministra da Casa Civil, está inclusive uma ficha criminal, a mesma publicada pelo jornal *Folha de São Paulo*, em novembro de 2009, ao qual se soube, mais tarde, que era um documento falso. Nessa ficha aparecem os supostos crimes que ela teria participado, entre eles, o assalto ao cofre do governador de São Paulo

¹⁵ Disponível em <http://www.grupoinconfidencia.com.br/jornais/133/dilma.php>

¹⁶ Idem.

Adhemar de Barros, aos bancos Mercantil e Banespa, ao Regimento de Infantaria de Quitaúna, em São Paulo, e o planejamento da morte do capitão Charles Chandler, dos Estados Unidos¹⁷.

Segundo a própria Dilma Roussef, em uma carta que escrevera para o jornal paulista, este documento é falso e teria sido elaborado por integrantes do grupo Ternuma. Este grupo mantém, desde 2000, um site onde lista os crimes cometidos pelas organizações de esquerda. Desde então, em algumas ocasiões, a imprensa destaca as fichas dos ex-militantes disponíveis no site. Curiosamente, em 2002, quando Lula foi eleito, o serviço on-line da *Folha de São Paulo* usou os dados disponibilizados pelo Ternuma para fazer um perfil da nova auxiliar do futuro presidente da República:

Dilma também já foi filiada ao PDT. Segundo a ONG Ternuma, ela foi presa política em São Paulo em 16 de janeiro de 1970. Era conhecida na clandestinidade pelos codinomes Estela, Luiza, Patricia e Wanda. Foi militante em 1967 da Política Operária (POLOP) em Minas Gerais, junto com seu marido Claudio Galeno de Magalhães Linhares, conhecido na época pelos codinomes Aurélio e Lobato.(...) Saiu da POLOP e, também com seu marido, ingressou no Comando de Libertação Nacional (COLINA), tendo sido eleita, em abril de 69, membro do comando nacional. Ela acompanhou a fusão entre o COLINA e a Vanguarda Popular Revolucionária, que deu origem à Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (VAR-P). Em setembro de 69, participou como convidada - só com direito à voz - do 1º Congresso da VAR-P, realizado numa casa em Teresópolis. Nessa ocasião, Darcy Rodrigues, um ex-sargento do Exército oriundo da VPR, tentou agredi-la, sob a ameaça de Dilma não mais poder participar das ações armadas.¹⁸

Há dois anos, este mesmo grupo colocou um anúncio em um outdoor na avenida Presidente Vargas, uma das mais movimentadas do Rio de Janeiro, anunciando que disponibilizariam em sua página na internet os arquivos da ditadura – documentos ainda sob sigilo que podem esclarecer em que circunstâncias ocorreu a repressão e o combate com militantes de esquerda.

No entanto, ao longo das páginas do site do Ternuma somente é possível visualizar os arquivos sobre as ações armadas da esquerda, no qual são listados os nomes dos

¹⁷ O capitão Charles Chandler foi morto por engano. O alvo principal era o major Gary Prado, um oficial do exército boliviano, que teria sido responsável pela execução de Ernesto Che Guevara.

¹⁸ RIPARDO, Sérgio. *Veja perfil de secretária de Energia do RS, indicada para equipe de Lula*. Folha On-Line, São Paulo, 5 de novembro de 2002. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fohla/brasil/ult96u42152.shtml>, acesso em 14 de março de 2009, às 22h.

integrantes das organizações e destacadas as ações de terrorismo, sempre com a visão dos militares que participaram do regime. Não há informações detalhadas sobre as atividades repressoras do governo, nem mesmo a respeito dos métodos com os quais os agentes do Estado conseguiram obter as informações dos militantes de esquerda. Ou seja, constroem, sob a argumentação de uma justiça histórica, uma memória seletiva e maniqueísta, onde somente as ações do outro lado são reprováveis.

Como esta memória está ligada ao tempo em que é produzida, certos nomes que não costumavam a ser citados por esses militares da reserva e civis, passam a fazer parte mais frequentemente dos textos produzidos pelo grupo. Desta maneira, a candidata à presidente pelo PT aparece com mais frequência e destaques do que José Serra, candidato do PSDB à presidência, que também militou na esquerda, ou do que Fernando Gabeira, candidato ao governo do Rio de Janeiro, que nos tempos de repressão, participara do seqüestro ao embaixador Charles Burke Elbrick, dos Estados Unidos.

Para consolidar esta produção de memória adaptada ao tempo político em que vivemos, os sites e publicações destes grupos costumam inserir textos de atualidades de outras revistas e jornais que fazem claramente oposição ao partido dos Trabalhadores ou até mesmo de militantes de esquerda que fazem uma crítica ao governo. São exemplos, *O MST e o terrorismo oficializado* (Reinaldo Azevedo, colunista de *Veja*), *A encenação de sempre* (editorial de *O Estado de S.Paulo*), *Quem tem medo da doutora Dilma* (Danuza Leão, colunista da Folha de São Paulo)¹⁹, *O computador-polvo da Receita de Mauá* (Élio Gaspari, colunista da *Folha* e de *O Globo*). Sem contar, é claro, com a produção dos próprios integrantes do Ternuma, normalmente elaborada pela sucursal do grupo em Brasília.

¹⁹ Este artigo foi modificado e sua autoria atribuída à jornalista Marília Gabriela. Ao saber do ocorrido e ler o conteúdo do texto, Gabriela disse ao repórter Claudio Leal, do Terra Magazine: “não cometeria essa estupidez”. De acordo com Leal, a seguinte frase foi acrescentada ao texto original de Danuza: “Outra boa opção é o atual governador José Serra que já mostrou seriedade e competência. Só não pode PT, Dilma e alguém da 'turma do Lula’”. Disponível em <http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI4403123-EI6578,00-Marilia+Gabriela+desmente+autoria+de+texto+contra+Dilma.html> e <http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI4403720-EI6578,00-Artigo+de+Danuza+Leao+teve+criticas+a+Dilma+adulteradas.html>

A idéia da esquerda como ameaça à democracia

Todos esses grupos citados possuem sites no qual difundem suas ideologias, cujo ponto em comum é um acentuado anticomunismo. Através de suas memórias e da construção de suas versões sobre o que ocorreu no regime militar, eles tentam mostrar ao seu público não só a existência de “verdades” esquecidas no passado: querem revelar, através do material que possuem, supostas ameaças ao presente e ao futuro do país. Por fazer como recurso um silogismo no qual todo o simpatizante da esquerda é comunista, esta tendência acrítica encerra também um viés autoritário e antidemocrático, uma vez que aglutina as diversas correntes de pensamento de esquerda em uma só imagem e as renega como participantes do jogo democrático, inclusive identificando-as como um perigo para a democracia.

Cabe ressaltar que o anticomunismo, como elemento histórico nas Forças Armadas, e em especial no Exército, não está ligado somente a uma suposta reação aos planos do governo de João Goulart em 1964. Como uma espécie de anti-ideologia, sua existência é mais longeva, surge praticamente quando os ideais socialistas e comunistas se materializam na revolução russa de 1918.²⁰

No Brasil, o episódio conhecido como Intentona Comunista, ocorrido no governo Vargas, em 1935, teve um efeito polarizador nas Forças Armadas: a tentativa de sublevação dos militares comunistas, que resultou em morte de seus companheiros de farda, impediu, de todas as formas, uma convivência pacífica entre os comunistas revolucionários e as demais correntes de pensamento dos militares.²¹ Houve uma política de expurgos daqueles militares, cuja ideologia passou a ser associada à baderna e indisciplina, ou seja, como riscos iminentes a dois conceitos basilares das Forças Armadas: a hierarquia e a disciplina.

O general Octávio Pereira da Costa, um dos oficiais que fez parte da cúpula no regime militar, resalta que o responsável pela psicose anticomunista foi o próprio Vargas. Segundo o general, o então presidente foi quem inaugurou “a peregrinação anual ao cemitério São João Batista, no dia 27 de novembro, e toda aquela verborragia do

²⁰ Nessa época, uma das principais vozes que se articulam contra a experiência soviética é a da Igreja Católica, que condena o ateísmo das correntes marxistas.

²¹ MOTTA, Rodrigo P. S. *Em guarda contra o perigo vermelho*. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2002.

repúdio ao regime comunista”. Para ele, que não crê que tenha havido uma revolução, em termos das ciências sociais, no dia 31 de março,

“a intoxicação foi de tal ordem que, entre nós, entre os nossos companheiros, uma quantidade imensa de pessoas admitiu que ser democrata era ser exclusivamente anticomunista. Até hoje isso existe. Companheiros extraordinários que tive, peças importantíssimas ao longo do regime militar, acreditavam que ser democrata é ser anticomunista. Não é bem assim, praticar a democracia é também admitir que alguém possa pensar em termos marxistas-leninistas.”²²

Outras versões

Cabe ressaltar ainda, que outras fontes deste discurso da memória e da política estão presentes nos livros publicados pela editora da Biblioteca do Exército (Bibliex). A Bibliex lançou, em 2003, uma série de 14 tomos, com 250 depoimentos dos militares e civis que participaram do golpe de 1964. A coleção *1964 – 31 de Março: o movimento revolucionário e a sua história* é um projeto de História Oral do Exército, instituído por portaria do então ministério do Exército, em março de 1999²³. Na quarta capa de qualquer um dos tomos que fazem parte da coleção de 1964 - História Oral do Exército, estão impressos trechos de editoriais e matérias jornalísticas elogiosas ao movimento e ao regime militares.

Textos publicados em *O Globo*, *Folha de São Paulo*, *Estado de São Paulo*, *Correio da Manhã*, emolduram os livros, passando uma idéia de que a mídia impressa deu todo o apoio às Forças Armadas. Por outro lado, ao folhear as páginas desta coleção, vemos em quase sua totalidade, relatos que assumem a derrota na chamada “batalha da comunicação”, e que demonstram ressentimento dos militares e civis entrevistados com o tratamento que os *media* dedicaram ao regime militar.

Na livraria da Biblioteca do Exército, localizada no palácio Duque de Caxias, sede do Comando Militar do Leste, é possível adquirir uma cópia em preto e branco da

²² Depoimento em MOTTA, Aricildes. 1964 – 31 de Março. O Movimento Revolucionário e a sua História. Rio de Janeiro: Bibliex, 2003b. Tomo 2, p.68.

²³ O ministério do Exército foi extinto logo depois, com a criação do ministério da Defesa, no dia 10 de junho de 1999.

revista “O Cruzeiro” de 10 de abril de 1964. Uma versão digitalizada da revista está disponível no site do grupo Inconfidência. Entre os livros disponibilizados pelo serviço on-line da Bibliex, estão *A Grande Mentira*, de autoria do general Augusto Del Nero Augusto, publicado em 2001 pela Biblioteca do Exército, no qual consta sua versão sobre o movimento militar de 1964.²⁴ Outro livro no catálogo da livraria, *Rompendo o Silêncio*, de autoria do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, mostra os argumentos do autor contra a denúncia de tortura ao qual é acusado.

Em alguns estabelecimentos de ensino como o Colégio Militar, não são utilizados os livros de história disponibilizados pelo Ministério da Educação. A referência para o ensino de história contemporânea do Brasil, para os jovens, em boa parte filho de militares, são obras publicadas pela Biblioteca do Exército Editora. De acordo com uma reportagem de Ângela Pinho para a *Folha de São Paulo*, o livro utilizado pelo Colégio Militar do Rio de Janeiro não faz menção às torturas cometidas pelos órgãos de repressão na ditadura militar.²⁵ Segundo a repórter apurou, no caderno de exercício que acompanha a obra, uma das perguntas é: qual foi o objetivo da tomada do poder pelos militares? A resposta, mostra uma outra versão da memória: "combater a inflação, a corrupção e a comunização do país". A obra ainda justifica como necessária a censura imposta no período em nome do progresso do país.

Por outro lado, a interpretação marxista da história recente no Brasil é alvo de crítica tanto dos grupos pesquisados como de oficiais que até pouco eram do alto escalão militar. O general Paulo de César Castro, que durante dois anos fora o responsável pelo Departamento de Educação e Cultura do Exército (DECEX), defendeu, em seu discurso de despedida das fileiras, na presença do comandante da força terrestre, Enzo Martins Peri, o esforço dos militares em manter longe o revisionismo histórico do ensino na caserna. Ele ressaltou que fora afastada dos currículos a “lepra ideológica” e a “sarna marxista”. E criticou aqueles que pensam que o Exército mudou:

²⁴ MACIEL, Ayrton. Uma versão militar sobre 1964. *Jornal do Commercio*, Recife, 04 de novembro de 2001, disponível em http://www2.uol.com.br/JC/_2001/0411/po0411_9.htm e http://www2.uol.com.br/JC/_2001/0411/po0411_7.htm, acesso em 06 de março, as 22:07h.

²⁵ PINHO, Angela. Livro do Exército ensina louvar a ditadura. *Folha de São Paulo*, 13 de junho de 2010. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1306201018.htm>.

(...) Vocês foram perfeitos ao cumprir a diretriz, indispensável nos dias de hoje, de patrulhar e de defender! De defender nossos subordinados e sagradas casernas das investidas constantes do revisionismo histórico brasileiro e das mensagens tão freqüentes contrárias aos valores, às tradições, aos feitos, aos vultos e às lições do Exército de sempre. De patrulhar para que a lepra ideológica fosse mantida bem afastada de nossos currículos, salas de aula e locais de instrução. Os arautos da sarna marxista bem que tentaram, mas foram derrotados por todos nós, que seguimos a ordem do bravo Mallet, em Tuiuti: “eles que venham, por aqui não passarão!”. Meus generais, perseverai no combate, o inimigo é astuto e insidioso, mas capitulará ante nós, como derrotado tem sido até agora. Cuidado, ele procurará afirmar e vencer os inocentes e incautos de que o Exército 2009 é diferente do Exército que os derrotou no passado. Pobres almas, nós somos o Exército de Caxias, uno, coeso, indivisível, merecedor dos elevadíssimos índices de credibilidade que a tantos causam inveja e que em nós fortalecem a auto-estima e o orgulho de sermos soldados verde-olivas. (...)²⁶

Se o próprio general que era responsável pelo ensino militar assume seu ojeriza a outros tipos de métodos de abordagem histórica, não é de se esperar que os alunos das escolas de formação militar tenham uma visão diferente da institucional sobre o regime militar. Uma das edições deste ano do informativo Alamabari, feito pelos cadetes da Academia Militar, reforça a ideia do movimento de 31 de março de 1964 como um movimento democrático e silencia a resistência que houve no próprio meio militar ou mesmo os expurgos que ocorreram dias depois nas Forças Armadas.

(...) O Governo pretendeu implantar reformas, ditas de base, à revelia do Congresso Nacional. Para agravar a situação havia clima de quebra da hierarquia e da disciplina nas Forças Armadas em ambiente de grande agitação. A reação popular, contrária a esse estado de coisas, manifestar-se-ia nas “Marchas da Família com Deus pela Liberdade”. A revolução O epílogo dessa situação ocorreria a 31 de março de 1964, quando tropas da 4ª Região Militar, apoiadas pelo Governo de Minas Gerais, rebelaram-se. O dispositivo militar que dava sustentação ao governo federal desmoronou, em virtude da adesão majoritária das Forças Armadas ao movimento. Não ocorreu derramamento de sangue, sinal de que havia perfeita sintonia entre elas e a Nação. Vitoriosas, as tropas revolucionárias foram recebidas com aplausos pela população, que saudava a volta do País à normalidade. Eufórico, o povo vibrou nas ruas com a prevalência da democracia, restabelecida com a vitória do movimento de março de 1964. Os recentes fatos da História contemporânea demonstram que o povo brasileiro estava certo quando, na década de 60, optou pela democracia.

E por fim, também em 2010, foi distribuído aos alunos do Instituto Militar de Engenharia, uma cópia do editorial de *O Globo* intitulado *Ressurge a Democracia*,

²⁶ Discurso disponível no site da Associação de Oficiais da Reserva do Rio de Janeiro, no endereço http://www.aore.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=112:gen-castro&catid=2:noticias&Itemid=3.

escrito no dia 1º de abril de 1964, e que registrava o apoio do jornal ao golpe militar. É fato que o movimento em seu início teve amplo apoio dos jornais e da população. Mas a história não termina assim. Em 1984, os jornais e o povo, mais do que nunca clamavam pelo fim do regime.

Conclusão

Como sempre, em estudos sobre militares, cabe ressaltar que as Forças Armadas não são um monólito. Dentro da instituição há diversas correntes de pensamento e, em determinadas épocas, sob determinados condicionantes políticos, sociais e ideológicos, uma ou outra corrente passa a ser a predominante, sem ser, contudo, única. A mesma proposição pode ser feita ao falar dos militares da ativa ou da reserva. Dentro de cada vivência, há experiências compartilhadas e outras singulares, que permitem a cada um aderir ou não, ou mesmo defender, uma determinada visão de mundo.

O que se procurou neste trabalho foi trazer à tona diferentes discursos que ainda existem na instituição militar e entre alguns grupos formados por civis e militares da reserva. Como vimos, enquanto há uma tendência institucional de se evitar os constrangimentos pela comemoração do 31 de março, há ainda iniciativas, dentro da própria instituição, feita por militares da ativa e em, alguns casos, apoiadas por militares da reserva, para manter um certo tipo de memória, em que se configuram como adversários os militares e as organizações de esquerda. Estas iniciativas se materializam em palestras, cursos e material, como os livros da coleção de *História Oral do Exército*.

Ainda no meio militar, iniciativas pessoais, como a atribuída ao comandante interino da 3ª Brigada de Cavalaria Mecanizada, mostram que determinados discursos sobre 1964 reforçam esta idéia de incompatibilidade das Forças Armadas com as ideologias de esquerda. Ao levantarem a insatisfação e o ressentimento com as diferentes visões sobre o mesmo tema existentes na sociedade, personificam como algoz o revanchismo de esquerda. E normalmente não há autocrítica sobre o próprio regime, no máximo a idéia da perda de uma “batalha” da comunicação social.

Uma idéia muito semelhante ao discurso dos grupos formados por civis e militares da reserva, formados em sua maioria, para dar a versão de seus integrantes sobre o regime militar. Através de mensagens, sites, jornais e livretos, eles difundem os crimes atribuídos às organizações de esquerda, com o intuito de revelar uma verdade escondida.

No entanto, não costumam associar a essa revelação, os crimes que teriam sido cometidos pelos agentes do governo.

É interessante observar que no caso específico da versão oficial das Forças Armadas sobre 1964, há uma clara defesa das noções de hierarquia e disciplina em detrimento de uma suposta ameaça comunista, ligada à desordem. No entanto, não é preciso nos detalharmos muito em termos históricos para lembrar que a quebra institucional de 31 de março teve início com uma quebra da hierarquia e disciplina dentro Exército: sob ordens do coronel Olimpio Mourão, as tropas de Juiz de Fora se sublevaram ao comandante em chefe das Forças Armadas, o presidente João Goulart. Mesmo que tenham tido sucesso em conseguir aliados, o movimento surgiu de um ato de indisciplina.

Além disso, estes grupos utilizam suas versões, não somente para manter suas memórias, mas através delas se esforçam em criar um discurso político que deslegitime os governos que contrariem suas expectativas: ou seja, aqueles que diminuem as prerrogativas militares, que mantenham um civil no ministério da Defesa, que tentem revisar a lei de anistia, que abram processos contra militares acusados de crime na ditadura etc. Para se ter uma idéia, dois dos grupos citados neste trabalho, o Guararapes e o Inconfidência, foram criados no momento crise política que resultou no impeachment de Fernando Collor de Mello, um presidente que suprimira algumas prerrogativas militares. O Guararapes foi criado em 1991, porque segundo eles, haveria preocupação com a presença de esquerdistas no governo. O Inconfidência lançou o seu manifesto em 1º de agosto de 1993, com uma forte crítica à crise política no governo e ao sucateamento das Forças Armadas. O grupo Ternuma, por sua vez, foi idealizado em 1995 e oficializado três anos após, em um momento em que o governo de Fernando Henrique Cardoso abria caminho para investigações sobre o que ocorrera nos anos de repressão e na guerrilha do Araguaia.

Quatro décadas depois de 1964, dois ex-militantes de organizações combatidas pelas Forças Armadas que fariam parte da “ameaça vermelha”, lideram as pesquisas de opinião para a eleição presidencial. Esses grupos, ao evocarem suas memórias, a reorientam atualmente para desconstruir a imagem destes candidatos, e em especial da candidata Dilma Roussef. Apesar de José Serra ter sido exilado do país por ser de esquerda, as referências destes grupos se concentram no governo, no partido e na candidata da situação.

Por outro lado, a candidata governista Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores (PT), vem representando a manutenção de uma política implementada recentemente que busca esclarecer os crimes no período ditatorial, embora de maneira tímida. Por ter sido uma militante do VAR Palmares e da COLINA, que pegaram em armas contra o regime, há uma evidente associação entre o seu passado político na construção de sua imagem como candidata à presidente. Associação esta que não é feita claramente, é até evitada por seu partido, e explorada por seus opositores.

Até que ponto as organizações de esquerda constituíam ameaça factível, se desejavam somente o restabelecimento da democracia ou se detinham o monopólio das ações terroristas no passado são algumas das questões cruciais, cujas respostas dependem não só da visão institucional e histórica produzida nas Forças Armadas, como da sociedade como um todo. Ao analisá-las, não se pode pensar as organizações de esquerda como um bloco único, assim como não se pode pensar os militares, como um monólito.

Além desta visão reducionista, uma das questões que se coloca é se a naturalização de um discurso, que tem como base o anticomunismo levado às últimas conseqüências e que legitima qualquer ação das Forças Armadas desde que apoiadas pela sociedade, pode estar criando um fosso entre o futuro dos militares e o futuro da democracia. O grande problema ao não abrir a ferida, ao falar do que ocorreu no regime militar a partir da visão de ambos os lados, é não dar o tratamento democrático para a construção do passado.

Isto porque alguns dos discursos pesquisados deixam subentendido e naturalizado, aos futuros oficiais do país, que uma intervenção militar pode ser justa se apoiada pelo povo, e necessária, caso haja uma ameaça à democracia. Como os vários discursos presentes no meio militar identificam a esquerda como antidemocrática, paradoxalmente, a ameaça estaria presente tanto em 1964 quanto hoje, após mais de 20 anos de convivência democrática. Dentro de esta interpretação enviesada, caberia ao pensadores de direita, em especial, os mais conservadores, serem os intérpretes da democracia no país. Não obstante, um dos escritores mais citados pelos grupos analisados nesta pesquisa é o filósofo e jornalista Olavo de Carvalho, polêmico por seu conservadorismo e fundador do site Mídia Sem Máscara, que defende que toda a grande mídia no Brasil é de esquerda.

Deve se pensar as implicações decorrentes desta doutrinação indireta nas Forças Armadas. Lembro que os oficiais são formados em um ambiente isolado, que a primeira vista pode até representar vários estratos economicos da sociedade, embora não represente, até por questões institucionais, toda a diversidade e complexidade social brasileira. Este isolamento, conjugado à crença no valor da ordem como base da harmonia comum, pode causar o estranhamento dos jovens oficiais em relação às demandas sociais e à dinâmica da política. Pode também deslegitimar atores sociais e políticos e retroceder uma das características do ambiente democrático: a diversidade de ideias e opiniões. Por isso, o quadro atual traz a urgência a sociedade abrir as suas feridas e reescrever sua história, através do diálogo e do encontro de todos os atores sociais e não através do afastamento e do radicalismo.

BIBLIOGRAFIA

20 ANOS ruins que agora chegam ao fim. *Folha de São Paulo*, de 1º de abril de 1984, p.8.

Chaves, Armando L.M.P, Clonagem política. Disponível em <http://www.terna.com.br/bsb1056.htm>

General do Exército decide se calar sobre aniversário do golpe. *Folha de São Paulo*, 29 de março de 2007, disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u90762.shtml>

GRUPO GUARARAPES. A rebelião das elites. *Ombro a Ombro*, abril de 1992, p.1.

_____. Denúncias à Nação [S.l.:s.n], Janeiro de 2008.

_____. *Quem somos*. Informação disponível em http://www.fortalweb.com.br/grupoguararapes/quem_somos.asp?page=1, acesso em 8 de março de 2009, às 16h.

_____. *Relação de grupo*. Disponível em http://www.fortalweb.com.br/grupoguararapes/links_relacao.asp, acesso em 17 de março de 2008, às 11h12.

GRUPO INCONFIDÊNCIA. A comunização da Educação, editorial, *Inconfidência*, nº 129, 28 de julho de 2008, p.1.

_____. Manifesto. Quosque tandem? ... Até quando? Belo Horizonte. 1º de agosto de 1993. *Ombro a Ombro*, agosto de 1993, p.3.

_____. Não é hora de falar em golpe! *Ombro a Ombro*, 11 de novembro de 1993.

_____. *Estatuto*. <http://www.grupoinconfidencia.com.br/estatuto.php>, acesso em 15 de março de 2009, às 12:30h.

_____. *Quem somos*. Disponível em <http://www.grupoinconfidencia.com.br/quemsomos.php>, acessado em 25 de janeiro de 2008, às 10:00h

HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo: Vértice: *Editora Revista dos Tribunais*, 1990.

MACIEL, Ayrton. Uma versão militar sobre 1964. *Jornal do Comercio*, Recife, 04 de novembro de 2001, disponível em http://www2.uol.com.br/JC/_2001/0411/po0411_9.htm e http://www2.uol.com.br/JC/_2001/0411/po0411_7.htm, acesso em 06 de março, as 22:07h

MIGUEZ, Carlos Cláudio. Nova “Estória” do Brasil. *Inconfidência*, 28 de julho de 2008, nº 129, p.2.

MOTTA, Aricildes. 1964 – 31 de Março. O Movimento Revolucionário e a sua História. Rio de Janeiro: Bibliex, 2003b. Tomo 2

MOTTA, Rodrigo P. S. *Em guarda contra o perigo vermelho*. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2002.

PINHO, Angela. Livro do Exército ensina louvar a ditadura. *Folha de São Paulo*, 13 de junho de 2010. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1306201018.htm>

RIPARDO, Sérgio. Veja perfil de secretária de Energia do RS, indicada para equipe de Lula. *Folha On-Line*, São Paulo, 5 de novembro de 2002. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u42152.shtml>, acesso em 14 de março de 2009, às 22h.

SANTOS, Eduardo H.J., Alves, Vagner. Figueiredo, Eurico. O velho e o novo no discurso das Forças Armadas. Trabalho apresentado no GT32 – Forças Armadas e Sociedade, no 32º Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciências Sociais – Anpocs, 2008.

SOUZA. Aluísio Madruga de Moura. *Ternuma Regional Brasília. Contra-Revolução*, [S.l.:s.n], 2008.

_____. Ternuma Regional Brasília. PARTIDO DOS TRABALHADORES. Seu desgoverno e as Forças Armadas - a Revolução Petista em marcha. In: INCONFIDÊNCIA, n° 123, fevereiro de 2008. Disponível em www.grupoinconfidencia.com.br/jornais/123/pt.php, acesso em 7 de março de 2008, às 17:40h.

TERNUMA. Apresentação. Disponível em <http://www.ternuma.com.br/apres.htm>, acesso em 25 de janeiro de 2008, às 10:15h.

_____. Curriculum Vitae de Aloysio Nunes Ferreira. *Ombro a Ombro*, novembro de 2001, p.7.

_____. A. Portal. <http://www.ternuma.com.br>. Acesso às 11:37h do dia 06 de março de 2008.

_____. Revanchismo. Texto disponível em <http://www.ternuma.com.br/revanche.htm#CORONEL>, acesso em 24 de novembro de 2008, às 13:04h.

SÓ 30 vão à festa por revolução, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, de 1º abril de 1985, p.4.